

Conduitas explicativas e pronomes pessoais na fala infantil

(Conduites explicatives et pronoms personnels dans le langage de l'enfant)

Alessandra Jacqueline Vieira

Faculdade de Ciências e Letras – Universidade Estadual Paulista (UNESP/Araraquara)

alessandrajacquelinevieira@yahoo.com.br

Resumé: Cette étude vise à identifier l'utilisation des pronoms personnels chez les enfants, relatives aux conduites explicatives, en observant la situation d'interaction. Par conséquent, nous examinerons certaines théories par rapport à l'égard de les conduites explicatives et leur émergence, les pronoms et leur fonction au sein de la série produite par des enfants. Notre intention est d'étudier la corrélation entre le développement de l'individualité (et conscience) de l'enfant et de l'utilisation des pronoms personnels (relatifs aux conduites explicatives), afin de mieux comprendre le fonctionnement du langage. Dans cette perspective, nous avons analysé les données d'un enfant de 20 à 30 mois, recueillies dans le cadre familial, en considérant la relation qui s'établit entre l'enfant et son partenaire (père, mère) pendant la production *langagière*.

Mots-clés: acquisition ; langage ; conduites explicatives ; pronoms personnels ; identité.

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo identificar o uso dos pronomes pessoais pelas crianças, relacionados às condutas explicativas, observando detalhadamente a situação interacional. Sendo assim, examinamos algumas teorias que tratam das condutas explicativas e de sua emergência, dos pronomes e sua função dentro dos enunciados pelas crianças produzidos. Nossa intenção é investigar a correlação entre o desenvolvimento da subjetividade (e consciência) da criança e a utilização dos pronomes pessoais (arrolados às condutas explicativas), com o propósito de compreender melhor o funcionamento da linguagem. Nessa perspectiva, analisamos os dados de uma criança de 20 a 30 meses, coletados em contexto familiar, levando-se sempre em consideração a relação estabelecida entre a criança e o interlocutor (pai, mãe) durante a produção *linguagreira*.

Palavras-chave: aquisição; linguagem; condutas explicativas; pronomes pessoais; subjetividade.

Introdução

Graças ao crescente interesse que a linguagem da criança tem suscitado nos últimos anos, pode-se observar um aumento no número de pesquisas realizadas na área de Aquisição da Linguagem, Psicolinguística, Educação etc., com o objetivo de observar os usos ou o seu desenvolvimento. Dentre essas pesquisas, destacamos os trabalhos voltados para a questão da aquisição das condutas explicativas, tema que ganhou destaque a partir da década de 80, com os trabalhos de Grize (1980) e Borel (1980; 1981) e, desde então, essas condutas também passaram a ser observadas no discurso das crianças (HUDELOT et al., 1990; VENEZIANO, 1999, entre outros).

No que se refere aos estudos a respeito do uso dos pronomes pessoais pela criança, eles são recentes e ainda pouco explorados, principalmente no Brasil, porém são muito importantes no âmbito da aquisição, uma vez que, a partir deles, podemos entender melhor as fases da linguagem da criança, seu funcionamento e a maneira como a criança se relaciona com a língua. Além disso, segundo Issler (1997), estudar a utilização dos pronomes pessoais pela criança permite analisar o seu desenvolvimento psíquico e intelectual. Assim, a interpretação dos fatos linguísticos no contexto da

explicação e da utilização dos pronomes pela criança pode ser bastante enriquecedora para uma melhor compreensão da linguagem e de seu desenvolvimento (FERNANDES; GUEDES; DEL RÉ, 2006, p. 191).

Nessa perspectiva, nossa intenção é estudar, dentro das condutas explicativas, a utilização dos pronomes pessoais por crianças de 20 a 30 meses em contexto familiar, levando-se em consideração a relação estabelecida entre a criança e o interlocutor (pai, mãe) durante a produção *lingueira*. Para tanto, utilizaremos um *corpus* que consta do projeto de pesquisa intitulado *Diversité de la socialisation langagière selon les cultures: place et rôle de l'explication*, desenvolvido pelas professoras Silvia Dinucci Fernandes e Alessandra Del Ré em cooperação com a França, de julho de 2004 a dezembro de 2006.

Nosso objetivo é identificar o uso dos pronomes pessoais pelas crianças, relacionados às condutas explicativas, observando detalhadamente a situação interacional. Nossa intenção é, também, investigar o desenvolvimento da “conscience de soi” na criança e uma possível relação com a produção linguística de pronomes pessoais – ligados às condutas explicativas. Estudar tal relação pode nos levar a conhecer melhor os processos pelos quais passam as crianças antes de se constituírem enquanto sujeito/falante.

Discussão e análise dos dados

Ao trabalharmos com aquisição da linguagem em crianças, devemos, de início, considerar o componente linguístico e sua relação com o extralinguístico, o supra-segmental, o gestual e o cognitivo. François (1989) refere-se à dicotomia “língua/fala” e “linguístico/*lingueiro*”, ressaltando a especificidade do modo do discurso, em que o mais importante não é o que é dito, mas, sobretudo, a maneira de dizer. Além disso, no processo de aquisição da linguagem não se deve ignorar a questão da interação da criança com o outro. Bruner (1991; 1997) defende a importância da interação social, não apenas com o meio, mas, também, com o adulto (como a mãe ou o pai).

De acordo com o dicionário Houaiss (2004), “explicar” significa “1. tornar inteligível ou claro (aquilo que era obscuro ou ambíguo); 2. fazer entender, expor, explicar; 3. dar a conhecer a origem ou o motivo de; 4. dar explicação; 5. justificar, desculpar, dar razão de seus atos (ou de suas palavras)”. Enfim, explicar é fazer o outro entender (considerando sempre o interlocutor), levando em conta seu conhecimento, a situação e o momento da enunciação. Para François (1989), o sentido da palavra “explicar” pode variar em função: a) do tipo de questão (por que..., como, etc.); b) do tipo do objeto (pode-se responder à pergunta “o que quer dizer tal palavra?” com um exemplo, um sinônimo, etc.); c) do tipo de interlocutor (é diferente explicar a um professor ou a alguém desprovido de conhecimento); d) do lugar da explicação no discurso (explicar pode ser o objeto principal ou pode aparecer durante a narração de um fato, por exemplo); e) da pessoa que explica (ela pode escolher o modo de explicar em função da situação, de suas preferências, etc.).

Berthoud-Papandropoulou, Favre e Veneziano (2003) consideram o ato de explicação como um fenômeno interacional. Para os autores, esse ato implica, de um lado, a identificação do *explanandum*, isto é, a presença de um acontecimento a propósito do qual é preciso explicar “o porquê” a seu interlocutor — que pede ou que se supõe precisar dessa explicação — e, de outro, a presença do *explanans*, o que significa a causa, a razão ou a justificativa desse acontecimento/ação (2003, p. 40).

De acordo com Melo, a explicação é “vista como uma conduta que se torna necessária por um contexto interativo e que, conseqüentemente, tem a necessidade de certas condições sociais para se produzir” (2003, p. 105). Além disso, a explicação seria “um *move* interacional que se produz quando um dos interlocutores dá uma nova informação que faz referência a um objeto de atenção conjunta e, ao mesmo tempo, esclarece o que estava obscuro ou problemático no diálogo” (MELO, 2003, p. 108).

Poderíamos nos indagar sobre qual seria a idade aproximada em que a criança começa a produzir enunciados explicativos. Antes mesmo dos dois anos de idade, a criança já consegue dar explicações, ainda que de forma simples, aos interactantes do diálogo. Segundo Leitão e Banks-Leite (2006, p. 49), “as crianças não só são capazes de justificar posições desde muito cedo, como também esperam o mesmo da parte de outros e sabem que justificativas são elementos decisivos para que se possa ‘vencer’ uma argumentação”. Além disso, de acordo com as autoras, a argumentação se dá por meio de oposições, embates, nos quais a criança defende ou trabalha sua opinião (LEITÃO; BANKS-LEITE, 2006, p. 50).

É o que podemos observar neste fragmento, em que a criança, então com 30 meses (2;6 anos), explica ao observador o que deseja fazer com o brinquedo (cachorro amarelo) que está em suas mãos: (O: Observador; A: criança)

- (01) PE: Você vai dar comida pro cachorro amarelo? ((para L-))
A: nan é puque ele suza
PE: ah::
A: Puque se ele pede comida e não é biscoito, não dô puque ele suza
PE: ah:
A: (
P: ei ei ei ei ((chamando A.))
A: Eu vou buscá um brinquedo
PE: Cê vai busca um brinquedo, então vai-

Trabalhando com a sua realidade, a criança a transfere para as suas brincadeiras. Nesse caso, o objeto de atenção conjunta, o cachorro amarelo, reproduz a realidade da criança, que argumenta sua opinião ao interlocutor, explicando o porquê de não dar comida ao brinquedo. Notamos, nesse sentido, que, à medida que a criança adquire a capacidade de explicar e argumentar, ela obtém, também, cada vez mais consciência das situações e da realidade que a rodeia, além de descobrir gradualmente sua individualidade. Mas, de que forma podemos identificar a construção do sujeito nessas condutas explicativas?

Até se constituir dentro da linguagem dos adultos, a criança passa por processos de transformação em que faz uso da língua ao seu modo. Antes de se designar, quando ainda é um bebê, a criança é incentivada por sons murmurantes, depois por sons de conversas e por trocas com o adulto (como a mãe), até surgirem as primeiras palavras. Morgenstern (2006, p. 9) afirma que “Les premiers mots apparaissent autour de 1 an (...) A partir de 1 an, l’enfant va marquer une certaine autonomisation en essayant de faire tout seul”.¹

Após essa etapa, sucede um aumento significativo no vocabulário da criança que se deve à manipulação dos sons, das sílabas, das palavras, que são trocadas entre a ela e

¹ “as primeiras palavras aparecem por volta de um ano(...) A partir de 1 ano a criança vai marcar uma certa autonomização, tentando fazer tudo sozinha” (tradução nossa).

o interlocutor. Issler (1997), baseando-se em Mahler, declara que o aumento da consciência da criança coincide com o reconhecimento do mundo externo e da vontade de separação — individuação da criança para com a mãe. Segundo a autora, “o processo de separação-individuação desenvolve-se dos 0;5/0;6 até os 2;6/3;0, passando por fases e chegando ao sentimento de um sentido primitivo de *self* (eu), de identidade individual [...]” (ISSLER, 1997, p. 86).

No entanto, os pronomes são ferramentas linguísticas utilizadas tardiamente pela criança. Segundo Issler (1997, p. 83), “uma criança com desenvolvimento normal leva cerca de três anos para adquirir esses pronomes e utilizá-los adequadamente em todas as situações nas quais eles são requeridos em sua língua materna. Morgenstern (2006, p. 9) declara que o uso dos pronomes requer um “travail cognitif, de la mécanique langagière, et de l’élaboration psychique”.²

Scliar-Cabral e Borba (2001, p. 668), citando Benveniste, afirmam que é “exatamente por não dominar as oposições ‘pessoa-eu’ e ‘pessoa não-eu’ [‘eu’ e ‘tu’], carecendo da ‘correlação de subjetividade’, [que] a criança ainda não pode ser erigida em sujeito da enunciação”. Assim:

O fato de os pronomes pessoais, isto é, os de 1ª e 2ª pessoas, não possuírem uma significação intencional sempre idêntica e serem passíveis de inversão (*shifting*) coloca enorme dificuldade cognitiva e linguística à criança. (SCLIAR-CABRAL; BORBA, 2001, p. 669)

A utilização “correta” dos pronomes exige da criança uma maior familiaridade com a língua e um conhecimento de si.

L’emploi du pronom de première personne serait alors considéré comme le franchissement d’une étape importante dans le développement psychique de l’enfant marquant sa volonté de s’emparer du langage. (MORGENSTERN, 2006, p. 10).³

Contudo, a diferença entre o uso do *eu* e do nome não se deve apenas às capacidades mentais da criança, mas deve ser atribuída, também, à linguagem que os adultos endereçam a ela. Sully (apud MORGENSTERN, 2006) declara que o fato de a criança falar de si na terceira pessoa deve-se à percepção da criança quando o adulto a designa pelo nome ou pela terceira pessoa, pois ela, por meio de um processo psíquico, imita. É por meio dessa operação de “imitação” que, mais tarde, a criança começa a utilizar o *eu* na primeira pessoa como fazem os adultos. Observemos este trecho em que A. (1;8 ano) brinca com a mãe no quarto (A: A., M: Mãe):

² “trabalho cognitivo, mecânica *linguagreira* e elaboração psíquica” (tradução nossa).

³ “O emprego do pronome de primeira pessoa seria, então, considerado como a passagem de uma importante etapa no desenvolvimento psíquico da criança, marcando a vontade de se apropriar da linguagem” (tradução nossa).

- (02) A – mamãe () ajuda () a janéla fico abéita () ↑
 M – a janela tá aberta
 A – a mamãe ajuda? ↑
 M – o que? fechá?
 A – sim ↓
 M – ah tá tão calor hoje deixa aberta
 A – a mamãe ajuda ↑
 M – a mamãe tem que levantar?
 A – sim ↓
 M – a mamãe num qué levanta precisa? não não
 A – /a mamãe levanta pigá janéia/ () ↑
 M – tá bom quem vai fazê a mamãe ou o A.?
 A – o A. ↓
 M – ((a criança fecha a janela)) muito bem fechô sozinho AI muito forte fechou já acabou já acabou já fechou ó sh sh sh fechou olha ei ei ei olha aqui
 A – ã? ↑
 M – tá fechada agora (A. continua a tentar fechar)) já acabou senão vai estragar assim não pode()

Notamos que A. faz uso da imitação da fala da mãe para referir-se a si mesma. Para Piaget (1926), a criança antes de usar o *eu* não compreende a representação que existe dela mesma. Dessa maneira, ela utiliza o nome, que é a designação utilizada pelos adultos, para se referir a si mesma. Issler (1997) afirma que é por volta dos sete meses da criança que a mãe passa a considerar o bebê como sujeito que participa da ação:

Por essa época, o uso de pronomes de 3ª pessoa [utilizados pela mãe] diminui e aumenta o uso dos pronomes convencionais de 2ª pessoa – “tu”; o uso de 1ª pessoa (falar “eu” ao bebê”) sofre certas restrições e, praticamente, inexistente aos 0;10. (ISSLER, 1997, p. 85)

Vejamos o fragmento abaixo, no qual a criança encontra-se com 1;11 ano e fala de si na terceira pessoa, assim como os pais a designam: (P: pai; A: criança; B: babá)

- (03) P - cadê o muque deixa eu vê o muque? ((A- mostra o braço)) ó esse muque tá fraco come mais um pouquinho pra ficar forte come filhõ
 A – papai? ↑
 P – oi?
 A – o macaquinho tá cu André ↑ ↓
 P – o macaquinho tá com o A. mas o macaquinho falou pro A. comer pra ver o A. ficar forte come então
 B – vamo comer pra ficar forte
 P – come um pouquinho come come--- hum: uma delícia essa comida da Dalvinha filhõ--- né?

Romanes (apud MORGENSTERN, 2006, p. 18) explica sobre a utilização do pronome dizendo que este uso nos demonstra que a criança, neste ponto, possui uma consciência *introspectiva*: a criança não presta atenção às suas fases psíquicas, não se colocando “en opposition avec tous les objets extérieurs (...) mais se considère comme un d’entre plusieurs objets”⁴. Quando a criança utiliza o nome para falar de si, ela atinge uma visão objetiva baseada na imagem exterior e a perspectiva do outro; ela se enxerga como um indivíduo dentre os outros.

Issler afirma que a partir de 1;6 ano observa-se na linguagem da criança os reflexos de sua estruturação psíquica, ou seja, ela começa a marcar na linguagem a separação do *EU-OUTRO* por meio da utilização de referências nominais ao

⁴ “em oposição a todos os objetos exteriores (...) mas se considera como um dentre muitos objetos” (tradução nossa).

destinatário. Pouco depois é que ela passa a referir-se a si mesma na relação conversacional (ISSLER, 1997, p. 103).

Assim, é somente após um determinado período que a criança passa a lançar mão do *eu*, alcançando uma visão subjetiva de si, de sua personalidade, colocando-se como sujeito da oração. Mas, segundo Morgenstern (2006), as designações que a criança utiliza para falar de si aparecem em épocas muito próximas e seriam empregadas simultaneamente pela criança em contextos diferentes, como demonstra o trecho a seguir em que A. diz à mãe de quem é a motoca da foto e, em seguida, a criança explica o que deseja, fazendo uso do pronome pessoal de primeira pessoa. (A: A. com 1;8 ano, M: Mãe)

- (04) ((cantando)) a pulguinha pula à beça e belisca o seu pé
A – a motoca ((olha uma foto)) ↑
M – de quem é essa motoca lá na foto?
A – du A. ↑
M – é? não é do Lipe?
A – /du ipi/ ↑
M – ((tosse)) quem tá aí na foto filho?
A – /fiipi/ ↓
M – o Filipe o Filipe é seu amigo?
A – mãe? mamãe? ↑
M – hum?
A – fazê bagunça a bola aqui ↑
M – ah então pra isso a gente precisa pôr as bolas aqui no saco pra fazer de novo você quer de novo? fazer bagunça? tem que pôr as bolinha aqui dentro ó
A – mamãe? ↑
M – hum?
A – mamãe? ↑
M – hum?
A – eu qué esse ((mexe na cortina))--- pusa esse eu qué↑ () pusô/ ↓
M – puxou? é filho essa cortina mamãe comprou quando casou ()
A – mamãe? ↑
M – hum?
A – qué polguinha ↑
M – ((cantando)) a pulguinha pula à beça e belisca o seu pé do pé pula pra cabeça vai fazendo cafuné

Para Issler:

É um engano crer que o “eu” da criança pequena tem o mesmo significado que o do adulto. Para a criança pequena o “eu” parece estar preso de tal modo ao contexto do “aqui-e-agora” que não pode se deslocar no tempo — no passado e no futuro —, nem no espaço — no espaço virtual criado pelo espelho. (1997, p. 104)

Pois, diferentemente do adulto, a criança não consegue estabelecer as relações nas quais o pronome *eu* está envolvido. Isso se deve ao fato dela estar se situando como indivíduo e ainda não ser “capaz de integrar todas as representações de si” (ISSLER, 1997, p. 104).

Dessa forma, podemos observar neste fragmento o posicionamento da criança que ainda está aprendendo a utilizar ‘a gramática dos adultos’. Neste excerto, a criança (então com 23 meses) está almoçando com o pai e narra o que aconteceu na festa de sua amiga:

- (05) A - () um balão ↓
 P - então mastiga e engole to
 A - () da Catarina tinha um balão ↓
 P - tinha um balão que que aconteceu no balão na festa da Catarina?
 A - itoou ↓
 P - estourou!--- e o A. que que fez?
 A - ficou choando ↓
 P - ficou chorando mas depois ficou tudo bem né? né?
 A - o A. () (vuá) o balão ↓
 P - é? você quer voar no balão?
 A - sim ↓
 P - mas esse balão é pequenininho você não cabe dentro
 A - () balão ↓
 P - você não cabe aí dentro filhê--- o balão é pequenininho esse aí
 A - não é de voar ↓
 P - não é de voar esse aí
 A - não é de voar esse ↓
 P - esse aí também não esse aí é um cachorrinho--- né?
 B - ()... () balão vermelho ô--- que lindo!--- quem fez esse cachorrinho pra você A.?
 P - foi o ()
 B - ah foi o () que legal!
 A - pou! pum! pum! ((brinca com um balão))
 P - não vai estourar não---não tá bem cheio esse aí
 A - () da Catalina itoou o balão ↓
 P - na festa da Catarina estourou o balão foi isso mesmo
 A - A. ficou choando ↓
 P - o A. ficou chorando?
 A - foi ↓
 P - mas depois ficou tudo bem né?
 A - papai? ↑
 P - oi?
A - vo voar no balão! ↓
 P - cê quer voar no balão?
 A - sim ↓
 P - mas esse balão é pequeno filho
 A - não é de voar ↓
 P - não é de voar esse aí
 A - vo itoar ↓
 P - não estoura não
 A - pequenininho ↓
 P - hum?
 A - pequenininho ↓

Notamos que, para relatar um fato ocorrido em um período anterior, a criança recorre à memória e conta sua história na terceira pessoa, não se colocando como sujeito do discurso. Porém, a partir do trecho destacado, temos a criança marcando seu posicionamento de sujeito falante, fato este de grande importância para seu desenvolvimento cognitivo. Assim, ao retomar uma história acontecida no passado, a criança narra o ocorrido como se não fosse ela a participante do fato; contudo, ao expor sua vontade de voar no balão, ela se coloca como indivíduo que produz e possui opinião, o que nos remete à construção de sua subjetividade, demonstrada por sua vontade, seu posicionamento discursivo, seu ponto de vista, etc. (aqui explicitada pelo verbo “vou”).

Dizer *eu* e pronunciar seu nome não indicam, sozinhos, que a criança passou a se colocar na posição de sujeito falante. Demonstrar seus desejos, suas vontades, dizer não aos adultos, tudo isso representa, também, marcas de que a criança está tomando consciência de sua personalidade. “C’est la distance entre l’enfant et sa propre

conscience de lui-même qui se trouve marquée dans le langage, entre autres par le pronom *je*⁵ (MORGENSTERN, 2006, p. 10).

Podemos enxergar as características até aqui pontuadas analisando este trecho da fala de A. (2;4 anos) no qual ele almoça com o pai e diz por que bateu nele durante uma visita ao aeroporto (A: Criança, P: Pai, O: Observador):

- (06) A: Tinha um avião
PE: tinha um monte de avião, não tinha?
A: Tinha um avião gandão () um avião gandão ()
P: Não deu né?
A: () no papai i bateu
P: O A. bateu no papai?
A: é
P: é?
PE: Por que?
P: Pode bater no papai? ãh? que? pode bater no papai? não não pode
A: não, eu qué lutá
P: que?
A: lutá
P: lutá? lutar o que o meu?
A: lutá ((dá um soco no ar)) ((pai e observadora riem))
P: A. pode bater no papai filho? não pode nãoA: não porque eu lutei
P: você lutou com quem?
A: com o papai ()

A. justifica seu comportamento com o pai argumentando que queria apenas lutar e não bater nele. Assim, ele consegue se desculpar e explicar sua atitude, criando uma nova versão para o fato. É importante observar, no ato da explicação, a situação interacional na qual a fala da criança está envolvida. Neste caso, A. está se relacionando com o pai, que o recrimina por sua atitude; assim, para que possa esvair-se de sua repreensão, a criança enuncia seu outro argumento. Morgenstern e Préneron afirmam que as crianças, entre 2;0 e 2;5 anos, passam a fazer uso de estratégias, assim como seus pais as utilizam, para apaziguar os conflitos e ‘ganhar a causa’ em debate (2004, p. 7).

Outro trecho importante é este no qual a criança (27 meses) interage com o pai e com a observadora, relatando o motivo de seu comportamento (A: criança; P: pai; O: observadora;):

- (07) P: ó A. você contou pra O- que você viu o balão--ó ó tem que fechar ó ó ó ó ó ((enquanto A. tenta abrir o armário))- Cê contou pra O- que você viu o balãozão? Conta pra ela que você viu-
A: eu vi o balão(ai papai falou que não dava) ai eu feiz chilique
PE: você fez chilique?
A: (ai eu fiquei bavo) eu quelia mais
PE: você deu chilique é? Por quê?
A: eu quelia mais
P: Você queria mais né filhê? Mas o papai falou que não dava mais filhê, papai falô () que ia embora, papai tinha que dar aula- Foi por isso () tem que entender-
A: papai
P: ó ó A. deixa o papai falar uma coisa: você pode até fazer chilique, pode chorar, eu acho que cê tem direito, mas não pode bater no papai
A: eu num to chorando

⁵. “É a distância entre a criança e a consciência dela mesma que se encontra marcada na linguagem, entre outros, pelo pronome *eu*” (tradução nossa).

P: você não tá chorando- Tá bom- Você entendeu? Não pode bater no papai- Ai no carro ele falou: papai não vou fazer mais isso- Não foi filhê?Mas chegou aqui você bateu na Mimi, né?
 A: () bateu na Mimi
 P: É, e a Mimi ficou muito triste né Mimi? ((babá responde positivamente com a cabeça))
 A: A- chegou e bateu na Mimi?
 P: É, chegou e bateu na Mimi- Muito triste a Mimi ficou, igual o papai ficou triste-
 A: papai você ficou triste no carro?
 P: eu fiquei triste no carro
 A: Papai
 P: oi
 A: o quê que você falou?
 P: oi?
 A: o quê que você falou no carro?
 P: o A. falou: papai não vou fazer mais isso- Não falô?
 A: () e bateu na Mimi?

Notamos que A. oscila, na fase em que se encontra, entre a utilização de seu nome e do pronome *eu*. Percebemos que ele está ‘passeando’ pela língua, descobrindo novas possibilidades de argumentação e de se colocar como sujeito dentro do discurso. A oscilação na utilização do pronome de 1ª pessoa e de seu nome nos faz reconhecer que a criança se encontra em fase de maturação, aprendendo a utilizar a linguagem a ela dirigida, variando as formas de colocação de si mesma em seu próprio discurso.

Considerações finais

Neste trabalho, procuramos levantar alguns concepções de autores que já trataram do tema “aquisição da linguagem”, especialmente no que diz respeito à aquisição das condutas explicativas e dos pronomes pessoais. Tentamos demonstrar que, por meio de mecanismos linguísticos, a criança consegue estabelecer relações e dar respostas cada mais próximas da fala adulto e que, antes mesmo dos dois anos de idade, ela já consegue fornecer justificações e explicações aos seus interlocutores, demonstrando, além disso, seu ponto de vista.

Pudemos notar, também, a importância da interação na emergência da fala da criança, auxiliando-a em sua percepção de mundo e na compreensão de sua realidade social. Dessa forma, podemos inferir que a criança possui um papel ativo na situação conversacional, tendo a interação um papel fundamental em todo o processo de construção do conhecimento infantil.

Assim, a partir de todo o exposto, podemos inferir que, com a tomada de consciência de si mesma, a criança adquire, também, maior capacidade de argumentação e demonstra cada vez mais suas vontades e seus desejos. Dessa forma, ao explicar, utilizando o pronome pessoal *eu*, a criança está adquirindo, conseqüentemente, maior conhecimento de sua própria individualidade e da realidade que a circunda.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BERTHOUD-PAPANDROPOULOU, I.; FAVRE, C. ; VENEZIANO, E. Construção e reconstrução das condutas explicativas. In: FERNANDES, S.D. *Aquisição da Linguagem: conceito, definição e explicação na criança*. Araraquara: Cultura Acadêmica – FCL/ Unesp, 2003. (Trilhas Linguísticas, n. 4). p. 39-67
- BOREL, M. J. *Discours explicatif, quelques réflexions sur l'explication*. Travaux du Centre de Recherches Sémiologiques, Université de Neuchâtel, n. 36, p. 19-41, 1980.

_____. L'explication dans l'argumentation : approche sémiologique. *Langue Française*, Paris, Larousse, n. 50, p. 20-38, 1981.

BRUNER, J. *Le Développement de l'enfant: savoir faire, savoir dire*. 3. ed. Paris: PUF, 1991.

_____. *Atos de significação*. Tradução de Sandra Costa. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

FERNANDES, S. D.; GUEDES, Z. C. F.; DEL RE, A. A polissemia do Como... ? nas diferentes condutas explicativas infantis produzidas em meio escolar. *Araraquara: Revista do Gel*, v.3, 2006.

FRANÇOIS, F. Langage et pensée: dialogue et mouvement discursif chez Vygotsky et Bahktine. In: *Revista Enfance 1-2*. Paris : PUF, 1989. p. 39-47.

GRIZE, J. B. Un point de vue semiológico. *Travaux du Centre de Recherches Sémiologiques*, n.36, p.1-17, 1980.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2004.

HUDELOT, C.; PRENERON, C.; SALAZAR-ORVIG, A. Explications, distance et interlocution chez l'enfant de 2 à 4 ans. *CALaP*, n. 7/8, p.241-255, 1990.

ISSLER, Denise Silveira. A aquisição de 'eu' e 'tu' na relação mãe-criança: intersecções entre a Linguística e a Psicologia. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 32, n. 4, p. 182-190, dezembro 1997.

LEITÃO, S; BANKS-LEITE, L. Argumentação na linguagem infantil: algumas abordagens. In: DEL RÉ, A. (Org.). *Aquisição da linguagem: uma abordagem psicolinguística*. São Paulo: Contexto, 2006. p. 45-61.

MELO, L.E. Um gênero do discurso: a explicação. In: FERNANDES, S.D. (Org.). *Aquisição da Linguagem: conceito, definição e explicação na criança*. Araraquara: Cultura Acadêmica – FCL/ Unesp, 2003. (Trilhas Linguísticas, 4) p. 103-128.

MORGENSTERN, A. *Un jeu en construction: gênese de l'auto-designation chez le jeune enfant*. Paris: Ophrys, 2006.

MORGENSTERN, A; PRÉNERON, C.. La justification dans la négociation parent-enfant. *La médiation*. Presses Universitaires de Rouen. p .329-339, 2004. Disponível em <http://anr-leonard.ens-lsh.fr/>. Acesso em: 22 dez. 2008.

SCLIAR-CABRAL, L.; BORBA, M. T. Da forma não marcada ao sujeito da enunciação. *Letras de Hoje*. Porto Alegre, v. 36, n. 3, p. 667-673, setembro 2001.

VENEZIANO, E. L'acquisition de connaissances pragmatiques: apprendre à expliquer, *Revue Parole*, Mons-Belgique , n. 9/10, p. 1-28, 1999.